

Donald M. MURRAY. *The craft of revision*. Fifth Anniversary Edition.
Boston: Wadsworth. Cengage Learning, 2013. xxi + 261pp.
ISBN-13: 978-0-8400-2885-3
ISBN-10: 0-8400-2885-7

Maria da Graça L. Castro Pinto

mgraca@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

*As I begin this fifth edition, I admit surprise that while moving toward 80 years of age,
I feel the same seductive fascination with the writing process that I felt
when I was a boy scratching letters in the dirt with a stick,
unable to read or to write,
but determined to decode the mystery of written language.*
Murray (2013: xxi)

A presente obra – *The craft of revision* –, editada pela primeira vez em 1991, constitui um documento de leitura indispensável para todos os que fazem da escrita profissão ou que a ela recorrem como instrumento de trabalho. Trata-se, na verdade, de um livro da autoria de uma personalidade que marcou o ensino da escrita, que ajudou a criar um programa de composição na Universidade de New Hampshire e que, enquanto escritor, foi distinguido com o Prémio Pulitzer em 1954. As palavras que ocorrem no título da obra organizada por Newkirk e Miller (2009) – *The essential Don Murray: Lessons from America's greatest writing teacher* – (ver Dethier 2013: xx) provam devidamente o que Donald Murray terá sido como professor quando transmitia métodos destinados a melhorar a escrita e assim deixava transparecer o que esta postula como atitude. A sua carreira de sucesso não o cristalizou, não lhe refreou o fascínio que sentia pela escrita como processo (ver Murray 2013: xxi). Escreve mesmo, já perto dos seus 80 anos, no prefácio à 5.^a edição de *The craft of revision*: “I am still young at the writing desk, amazed at the joy – yes, that’s the right word – of taking out, putting in, and moving words around so they instruct and surprise me and, I hope, the reader” (Murray 2013: xxi). Sobressaem desta citação o labor inerente à escrita como processo e a sedução que este representa para quem vê na escrita – “the most disciplined form of thought” na opinião de Murray (2013: 50) – uma atividade que não cessa de incitar o pensamento e o espaço de uma união que se estima exata entre as ideias que se almejam disseminar e as palavras recuperadas para o efeito. Está assaz latente no que acaba de ser aludido o que significa a arte de rever, concretizável através da revisão. Não será casual que o autor, na página 20 desta edição de *The craft of*

revision, se valha das palavras de Hemingway quando este escritor afirmava que a revisão “«is getting the words right»” (Murray 2013: 20). A propósito desta frase de Hemingway, convirá avançar que, como aponta Dethier (2013: xv) na secção *Generosity* do “Foreword” que acompanha o livro que estamos a apresentar, um dos hábitos de Murray consistia em coligir citações dos seus autores preferidos, material que ele sentia prazer em compartilhar. Resulta também evidente em variados momentos da obra em foco (ver Murray 2013: 21, 43, 119, 123, 131, 223, 224) como a revisão – a pré-escrita, a escrita, a reescrita, a leitura, a releitura – implica uma cumplicidade entre a escrita e a leitura (ver, a respeito da cumplicidade, Pinto 2012a, 2013), que sentimos emergir como as duas faces de uma mesma moeda nos seguintes fragmentos extraídos de *The craft of revision*: “Over and over, reading, adjusting, reading, adjusting” (Murray 2013: 21) ou “Writing is a reading act. We read what we write as we write it.” (Murray 2013: 43). A escrita corporiza então uma duplicidade de papéis, porquanto o agente da escrita é também leitor e, por força, o primeiro leitor (Murray 2013: 223) (ver, entre outros, Liba 2001; Lanham 2006; Pinto 2013).

Donald Murray escreveu *The craft of revision* dois anos antes da sua morte em 2006 (ver Dethier 2013: xii e xx) e anuncia no primeiro capítulo da atual edição, talvez para estupefação de muitos em virtude da invulgaridade do que nos confessa, que se trata de um livro diferente “because the author is still learning to write” (Murray 2013: 5). Por seu lado, Dethier (2013: xx), no “Foreword” à obra em discussão – um texto notório sobre Murray enquanto ser humano e intelectual –, adverte que o seu autor concebeu este livro já tarde na sua carreira (1991, data da 1.ª edição), depois de ter verificado que “«prewriting» would have to become «rewriting» for many writers” (Dethier, 2013: xx).

O título *The craft of revision* sublinha e traz para a cena um dos processos cognitivos principais do processo da escrita, nomeadamente o terceiro se tivermos em atenção a ordem que nos é em geral proposta (“planning, translating, and reviewing/revision”) (ver, entre outros, Hayes 1996: 2; Fabbretti & Zucchermaglio 2002: 61; McCutchen 2006: 115; Pinto 2010: 111-113). Esse processo cognitivo associado à escrita tinha também já sido destacado de forma marcante por Richard Lanham (2006) na sua obra *Revising prose*, publicada pela primeira vez no fim dos anos setenta do século XX (ver também Pinto 2012b).

É lícito sublinhar nesta oportunidade a referência à escrita como processo. No dizer de Dethier (2013: xiv), Donald Murray, ao colocar o foco na escrita como processo e não como produto, terá marcado, com a sua publicação de 1972 intitulada *Teach writing as process, Not product*, o “unofficial birth of the writing process movement” (Dethier 2013: xiv), tornando-o, de acordo com a mesma fonte, a voz do movimento. Aliás, só se podem mesmo retirar ensinamentos da observação de Murray segundo a qual “most problems with writing *products* could be traced to writing *process*” (Dethier 2013: xiv).

O papel atribuído por Murray e por Lanham à revisão – o terceiro principal processo cognitivo do processo da escrita – atesta que a sua menção em último

lugar não pode significar que lhe possa ser conferido um valor acessório, secundário, no decurso do processo da escrita (ver, para uma leitura crítica acerca da atribuição de uma simples ordem 1, 2, 3 aos processos cognitivos de planificação, tradução e revisão, Flower & Hayes 1981: 375). Não se infira porém que Murray e Lanham estão a forçar o estatuto da revisão. De facto, baseado em Berkenkotter, Dethier (2013: xiv) conclui que “about half of Don’s «writing» time consisted of planning and other prewriting activities” e que “«revising and planning [...] were virtually inseparable»” (Berkenkotter & Murray 1983: 162, referido por Dethier 2013: xiv). Vemos desta maneira como os três principais processos cognitivos acima focados não podem, nem devem sujeitar-se a qualquer ordem linear rígida. Eles são perfeitamente convocáveis sempre que o processo de escrita tal exija na medida em que o recurso a todos eles, no ato de escrita, acaba por se tornar uma imposição (ver Flower & Hayes 1981: 375 ss.). Quando Murray escreve, no início de *The craft of revision*, que “[r]evision is not the end of the writing process but the beginning” (Murray 2013: 1), ressei com nitidez como a ordem em que costumam aparecer os principais processos cognitivos do processo da escrita não é fixa. Finalmente, não é já a planificação que lidera. Ela vai alimentar o trabalho que requer a pré-escrita, que, por sua vez, prepara uma escrita que vive de reescritas – baseadas em revisões – que podem ter de se valer novamente do que está por detrás da pré-escrita.

A revisão – o rever, a reescrita – começa, para o autor, antes de se colocarem palavras numa folha de papel, porquanto reescrever se identifica com pensar (ver Murray 2013: 5), o que implica que a reescrita está ligada à pré-escrita, antecedendo ambas a primeira versão do texto (ver Murray 2013: 2). Encontra justificação, neste enquadramento, o seguinte excerto extraído da primeira página do capítulo 1 de *The craft of revision*: “First emptiness, then terror, at last one word, then a few words, a paragraph, a page, finally a draft that can be revised” (Murray 2013: 1). Nesta passagem emerge com um relevo particular a manobra conjunta do pensamento e da escrita que convive num primeiro momento com o vazio, depois com algum terror, em seguida com a primeira palavra e progressivamente com algumas palavras até atingir a versão do texto que, através de revisões – quantas vezes sucessivas porque imprescindíveis, apoiadas decerto na retoma de outros processos cognitivos da escrita como processo –, permitirá “descobrir e clarificar um significado” que se procurava (Murray 2013: 31). A escrita equipara-se portanto ao pensamento que, como lembra Murray (2013:30), também não começa pela conclusão. A inevitabilidade da conjugação dos principais processos cognitivos consignados no modelo clássico do processo da escrita força à prática de um exercício comparável a uma verdadeira arte, justificando assim parte do título desta obra de Murray. Ademais, essa conjugação inexorável também nos leva a pensar que a revisão, termo que figura também no título, não pode existir separadamente dos outros processos cognitivos da escrita como processo, mas sim como um processo que tanto vive dos restantes como também os nutre. De regresso ao texto de Murray, as frases que se seguem delinham claramente como deve ser encarada a

prática da escrita a fim de que quem escreve se sinta cada vez mais confortável quando o faz: “the writing comes in the writing” (Murray 2013: 28), “Writing produces writing” (Murray 2013: 30).

Esta edição de *The craft of revision* (“Fifth Anniversary Edition”) configura, em nosso entender, uma justa homenagem a Donald Murray. A 5.^a edição tinha sido publicada em 2004 e a presente edição pretende prestar um tributo singular a quem viveu a escrita com uma paixão muito própria. Coube a Brock Dethier, da *Utah State University*, redigir o Prólogo (“Foreword”) desta publicação comemorativa. Quem ler a obra compreenderá rapidamente a razão da escolha deste redator. Donald M. Murray não teria sido seguramente mais bem retratado, nas suas diversas facetas, por outra pessoa. Trata-se de um texto que cumpre na íntegra a função de “pay tribute” a uma personalidade a quem todos os que o conheceram ou que o conhecem por intermédio da sua obra só podem assumir que lhe estão ou ficam de uma ou de outra forma devedores.

The craft of revision começa por uma dedicatória (p. iii), seguida pela relação dos conteúdos (*Contents*) (pp. iv-x), por um *Foreword* da autoria de Brock Dethier (pp. xi-xx), pelo *Preface* (pp. xxi-xxv), e por uma secção dedicada aos *Acknowledgments* (p. xxvi). A partir da página 1, começa a obra propriamente dita constituída por onze capítulos: *Chapter 1. Rewrite before writing* (pp. 1-23); *Chapter 2. How to get the writing done. Tricks of then writer’s trade* (pp. 24-31); *Chapter 3. Reading for revision* (pp. 32-43); *Chapter 4. Rewrite with Focus* (pp. 44-74); *Chapter 5. Rewrite with genre* (pp. 75-118); *Chapter 6. Rewrite with structure* (pp. 119-132); *Chapter 7. Rewrite with documentation* (pp. 133-165); *Chapter 8. Rewrite to develop* (pp. 166-193); *Chapter 9. Rewrite by ear* (pp. 194-215); *Chapter 10. Rewrite with clarity* (pp. 216-251); *Chapter 11. The craft of letting go* (pp. 252-259). O *Index* ocupa as páginas 260-261.

No Prefácio, Murray revela o que a 5.^a edição de *The craft of revision* traz de novo e quem tem sido o público desta sua obra. Lança ainda pistas para o seu uso em sala de aula com o objetivo de delas se poder retirar o maior benefício.

Como se pode constatar através dos títulos dos capítulos que integram o livro, são destacados de uma maneira muito peculiar os aspetos que devem ser respeitados por quem escreve e igualmente aduzidas as instruções fundamentais que qualquer docente que trabalhe a escrita nos seus cursos deve saber perfilhar. Todos os capítulos encerram conteúdos ricos e pertinentes numa escrita convidativa própria de alguém com vocação não só para a escrita, mas também para o seu ensino. Quando vê nisso oportunidade, o autor tira partido de exemplos de possíveis escritas para documentar os diversos tópicos discutidos e não se coíbe de inserir histórias de caso (pp. 97-118; 211-215; 234-251), entrevistas a escritores com mais e menos experiência (pp. 18-23; 71-74; 127-132) e citações de variados escritores.

Constituiu nosso desígnio difundir, ao longo deste texto, o jogo de forças coniventes que Murray sente emanar dos principais processos cognitivos da escrita como processo e a razão pela qual ele chama especialmente a terreiro a revisão/reescrita. Por ser impossível ressaltar tudo o que nos atraiu nesta publicação, con-

vocaremos alguns pontos que julgamos mais proveitosos para quem tem como missão o ensino da escrita ou a sua prática.

A propósito da ocorrência do termo “revisão” no título da obra *The craft of revision*, o capítulo 1, na secção intitulada “Why do we resist rewriting?”, contém porventura uma explicação para essa escolha e justifica a resistência natural que esse processo cognitivo pode oferecer. Na realidade, a nossa produção escrita faz parte de nós mesmos e não é impensável que se rejeite qualquer exercício de auto-exposição quando a ela voltamos por meio de uma leitura que, quantas vezes, nos conduzirá de modo imperativo a uma ou mais reescritas e por conseguinte, assim se augura, a melhores escritas (ver Murray 2013: 2).

No capítulo 2, é enfatizada a necessidade de fazer com que a escrita se torne um hábito. Com efeito, se tal acontecer, não será difícil que se verifique que “Writing produces writing.” (Murray 2013: 30).

A *leitura* é um exercício fundamental para a revisão como avisa Murray no capítulo 3. Todavia, deve saber-se escolher o leitor de que necessitamos sob pena de não obtermos a ajuda aspirada. Não podemos contudo esquecer que “Writing is a reading act. We read what we write as we write it.” (Murray 2013: 43), o que nos converte de imediato num leitor singular da nossa escrita.

O capítulo 4 é dedicado ao *foco*, ao que se ambiciona realmente emitir e de que forma. Importa por isso saber muito bem o que se quer discorrer para que se lhe dê o destaque preciso a fim de que resulte apelativo aos olhos do leitor. Murray enumera diferentes pontos relacionados com o foco e sublinha o papel da informação recolhida para sustentar o significado a comunicar em função da perspectiva adotada. Transcrevemos, porque se nos afigura do maior interesse para os que nem sempre acolhem com agrado sugestões no sentido de eliminarem alguns materiais utilizados e que são dispensáveis, o seguinte trecho em que Murray anota que se deve ser seletivo no emprego dos documentos consultados e saber guardar o material trabalhado e não utilizado para outras ocasiões

The material you have collected through research and the thinking you have done through writing that must be cut from the draft, however, is not wasted. It is all money in the bank. You may not spend it on this draft, but it is there, to be drawn in the future (Murray 2013: 67).

No capítulo 5, Murray invoca, dando diversos exemplos, a escolha do *género* visto que também ele é portador de significado.

O capítulo 6, por sua vez, é destinado à *estrutura* e ao que representa um desenho de estrutura que agrade ao leitor. Neste capítulo, fica de novo patente a importância de não se aceitar sem flexibilidade a ordem como são em geral citados os principais processos cognitivos do processo da escrita. Assim, escreve o autor:

Outlining is normally considered as only a planning activity, but my most helpful outlines are often made *after* the first draft. [...] It is, however, always helpful

to outline during revision to reveal the structure of a draft, and then to design the structure that the draft must have to satisfy the reader (Murray 2013: 125).

Murray frisa ainda o empenho de adaptar a estrutura da versão que temos em mãos às pretensões do leitor mediante a alteração da posição das suas secções, a criação de novas secções, a eliminação de outras e mesmo o redesenho da estrutura inicial que poderá ter de ser abandonada (ver Murray 2013: 126).

No capítulo 7, o autor acentua a ligação da reescrita à pesquisa e escreve: “We think the scientist as a researcher but the effective writer is also a researcher” (Murray 2013: 133). Previne este estudioso que a informação introduzida tem de ser documentada e mostra as razões que nos levam a achar que é básico escrever com informação. Por um lado, a informação confere satisfação ao leitor; por outro lado, estabelece autoridade (ver Murray 2013: 140). Entre as variadas observações a respeito do papel da informação que podem ser encontradas neste capítulo, salientaremos a inevitabilidade de remeter a informação para a respetiva fonte e de escolher com exigência.

O capítulo 8 é consagrado ao *desenvolvimento* e ao que ele retrata em termos de qualidade e criatividade da escrita. Murray fornece técnicas de desenvolvimento, menciona que a reescrita inicia com a releitura, recorda que a escrita é uma forma de pensamento crítico e que a informação deve estar bem localizada e distribuída com equilíbrio.

O capítulo 9 tem como objetivo dar voz ao ouvido. A música da linguagem é diversas vezes invocada e a *voz* – o estilo – vista como a música na linguagem (ver Murray 2013: 195). Para Murray, “voice isn’t just the sound of the voice, it is the way each person says things” (Murray 2013: 195). Conforme adianta este especialista da escrita, importa ouvir a própria escrita, ouvir a própria voz porque “Voice is the most important element in writing. It is what attracts, holds, and persuades your readers” (Murray 2013: 207). Por outro lado, cada situação também reclama uma dada voz (ver Murray 2013: 210).

No capítulo 10, é enfatizada a *clareza* em matéria de reescrita. O autor elenca vinte modos de abordar a versão do texto a que se chegou, aduz a atitude do escritor-editor, propõe uma entrevista com a versão de trabalho e formula soluções para os problemas mais comuns de editoração. A finalizar, enuncia os instrumentos de revisão e comparte com o leitor uma história de caso de um estudante. Começa com a versão original redigida por esse estudante e acaba com a revisão por ele efetuada depois de a primeira versão ter sido sujeita a uma editoração profissional. Também nos dá conta de como reagiu a essa intervenção.

No último capítulo, com o título “The craft of letting go”, o autor partilha com o leitor o receio de quem expõe o que escreve, o carácter obsessivo de que se pode revestir a correção e a contínua descoberta que se vive com cada uma das versões por que passa um texto escrito. O trecho que se segue ilustra o perfil de Murray e a voz da sua escrita, mostrando a sua coerência com o que preconiza ao longo de uma obra tão inspiradora como é *The craft of revision*

Most of us become obsessive, compulsive, never-let-go rewriters because of the excitement and satisfaction of revision. We do not as often learn how little we know as how much we know. The act of revision ignites memory, connects information that we had never connected until we begin to rewrite. We could go on, revising this draft for a week, a month, a year, and some writers – or nonwriters – have gone on revising for a lifetime (Murray 2013: 256).

Convenhamos que tem forçosamente de chegar o momento em que a versão (dita definitiva) segue o seu caminho com vista a que nos sintamos livres para voltar a escrever (ver Murray 2013: 259). Este é o recado final que nos deixa Murray em *The craft of revision*, uma obra cheia de ensinamentos, redigida por quem dominava magistralmente a escrita.

Que este nosso olhar sobre a obra *The craft of revision* desperte a vontade de a ler e de partir para uma prática da escrita tal como é advogada por Donald Murray, que se apresenta afinal, em nossa opinião, intensamente psicolinguística.

Recebido em janeiro de 2013 ; aceite em fevereiro de 2013.

Referências

- Berkenkotter, C.; Murray, D. M. 1983. Decisions and revisions: The planning strategies of a publishing writer and response of a laboratory rat: Or, being protocoled. *College Composition and Communication*. 34 (2): 156-172. Published by: National Council of Teachers of English. Stabel URL: <http://www.jstor.org/stable/357403>. Accessed: 31/01/2013 08:42.
- Dethier, B. 2013. Foreword. Donald M. Durray, Master Craftsman. In: D. M. Murray. *The craft of revision* (pp. xi-xx). Boston: Wadsworth. Cengage Learning.
- Fabbretti, D.; Zucchermaglio, C. 2002. Scrivere all'università. Rappresentazioni e pratiche di scrittura degli studenti universitari italiani. *Rivista di Psicolinguistica Applicata*. II (1-2): 61-86.
- Flower, L.S.; Hayes, J. R. 1981. A cognitive process theory of writing. *College Composition and Communication*. 32 (4): 365-387. Published by: National Council of Teachers of English. Stabel URL: <http://www.jstor.org/stable/356600>. Accessed: 07/12/2012 10:51.
- Hayes, J. R. 1996. A new framework for understanding cognition and affect in writing. In: C. M. Levy; S. Ransdell (Eds.). *The science of writing. Theories, methods, individual differences, and applications* (pp. 1-27). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- LANHAM, R. A. 2006. *Revising prose*. Fifth Edition. New York: Pearson Longman.

- Libra, J. 2001. How to Write a Paper. Introduction to Scientific Work Seminar, Module 6. 11p. *International Study Course Environmental and Resource Management*, Brandenburg Technical University Cottbus, Germany.
- McCutchen, D. 2006. Cognitive factors in the development of children's writing. In: C. A. MacArthur; S. Graham; J. Fitzgerald (Eds.). *Handbook of writing research* (pp. 115-130). New York, London: The Guilford Press.
- Newkirk, T.; Miller, L. (Eds.) 2009. *The essential Don Murray: Lessons from America's greatest writing teacher*. Portsmouth, NH: Heinemann. Referido por B. Dethier (2013: xx).
- Pinto, M. da G. L. C. 2010. A leitura/escrita na universidade e para lá dos seus muros. In: M. J. Marçalo; M. C. Lima-Hernandes; E. Esteves; M. do C. Fonseca; O. Gonçalves; A. L. Vilela; A. A. Silva (Eds.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas* (pp. 108-133). Évora: Universidade de Évora. ISBN: 978-972-99292-4-3. Disponível online: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg26/09.pdf>.
- Pinto, M. da G. L. C. 2012a. A leitura e a escrita na Universidade. Até onde pode ir o papel da Universidade na sua otimização? (Simpósio 39). In: Roberval Teixeira e Silva; Qiarong Yan; Maria Antónia Espadinha; Ana Varani (Eds.) *III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo*. China, Macau: Universidade de Macau. ISBN: 978-99965-1-035-9. CDROM.
- Pinto, M. da G. L. C. 2012b. Recensão crítica de Richard A. LAMHAM. *Revising Prose*. Fifth Edition. New York: Pearson Longman, 2006. 166 pp. ISBN: 0-321-44169-9. *Linguarum Arena. Revista do Programa Doutoral em Didática das Línguas da Universidade do Porto*. 3: 147-151.
- Pinto, M. da G. L. C. 2013. A leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade. *Letras de Hoje*. 48 (1): 116-126.